

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 1Data: 26.06.84Pg.: **Caciques caiapós debatem
invasão de terra indígena****ELIANA LUCENA**
Enviada especial

Preocupados com a crescente invasão de seu território por garimpeiros, madeireiros e fazendeiros, caciques de todos os subgrupos de índios caiapós, do sul do Pará, estiveram reunidos este final de semana no posto gorotirê, para discutir com a Funai o problema. O rio Fresco, que passa ao lado da aldeia dos gorotirê, é um retrato claro da situação: completamente sujo por causa do trabalho de garimpagem no garimpo de Cumaru. Localizado dentro da área indígena, o rio praticamente não tem mais peixes e sua água não serve mais para beber, obrigando os índios a buscar água num local distante.

Representantes de 13 subgrupos caiapós, que hoje chegam a mais de quatro mil pessoas, participaram de encontro com o presidente da Funai, Jurandy da Fonseca, inclusive chefes mais velhos, como o cacique Bebegorotirê, do grupo Menceranrotirê, e o cacique Raoni, dos txucarramãe, que vivem no Parque do Xingu. Os índios exigem da Funai a demarcação de suas reservas.

A presença de garimpos e de madeiras nas áreas indígenas tem dividido a liderança caiapó. Enquanto o chefe dos criquetum, o "coronel" Pombo, como gosta de ser chamado o cacique, convive sem problemas com o garimpo do Rio Branco, recebendo parte dos lucros obtidos pelos garimpeiros, outros chefes preocupam-se com a presença não apenas

dos garimpeiros, mas também de madeiras, algumas delas atuando na área com o aval da Funai.

O cacique Canhonque, líder dos gorotirê, ao contrário de Pombo, não vê com bons olhos a existência de garimpos nas áreas indígenas: "Não aceitamos que garimpeiros tomem conta da nossa terra — disse ele na reunião. Queremos que ela seja demarcada logo e se a Funai não resolver nós mesmos faremos este trabalho". Já o "coronel" Pombo, mesmo sem contar com o apoio de outros chefes tradicionais, não parece disposto a abdicar dos lucros que o garimpo do Rio Branco lhe tem trazido, apesar da poluição do rio, e do contato constante dos garimpeiros com os índios. Este contato, segundo antropólogos, tem causado a desagregação da tribo e a introdução indiscriminada de bens de consumo supérfluos na aldeia. Muitos deles, adquiridos a preços bastante superiores ao preço de mercado, têm modificado os hábitos dos índios.

"Acho que o garimpo deve continuar, inclusive em outras áreas — opinou Pombo —, pois ele traz recursos para as comunidades." No entanto, ele defende que o ouro não deve ser explorado perto das aldeias, mas nos limites da reserva para evitar contatos entre índios e brancos. Ele também defende a demarcação de todo o território caiapó, dizendo que, no passado, com as perseguições que sofreram, os caiapós quase desapareceram, mas agora estão novamente crescendo.

(Brasília/Ag. Estado)